

ROSALINDA DE LIMA DE CARVALHO

O PANO



Rosalinda de Lima de Carvalho

◉ PANO ◉



Nº 39



INIC - Instituto Nacional das Indústrias Culturais

Título
O Pano

Autor
Rosalinda de Lima de Carvalho

Ilustração,
Imagem Vip / Olindomar Studio

Design e Grafismo
Imagem Vip

Edição
Ministério da Cultura
INIC - Instituto Nacional das Indústrias Culturais

Copyright
Autor / INIC - Ministério da Cultura

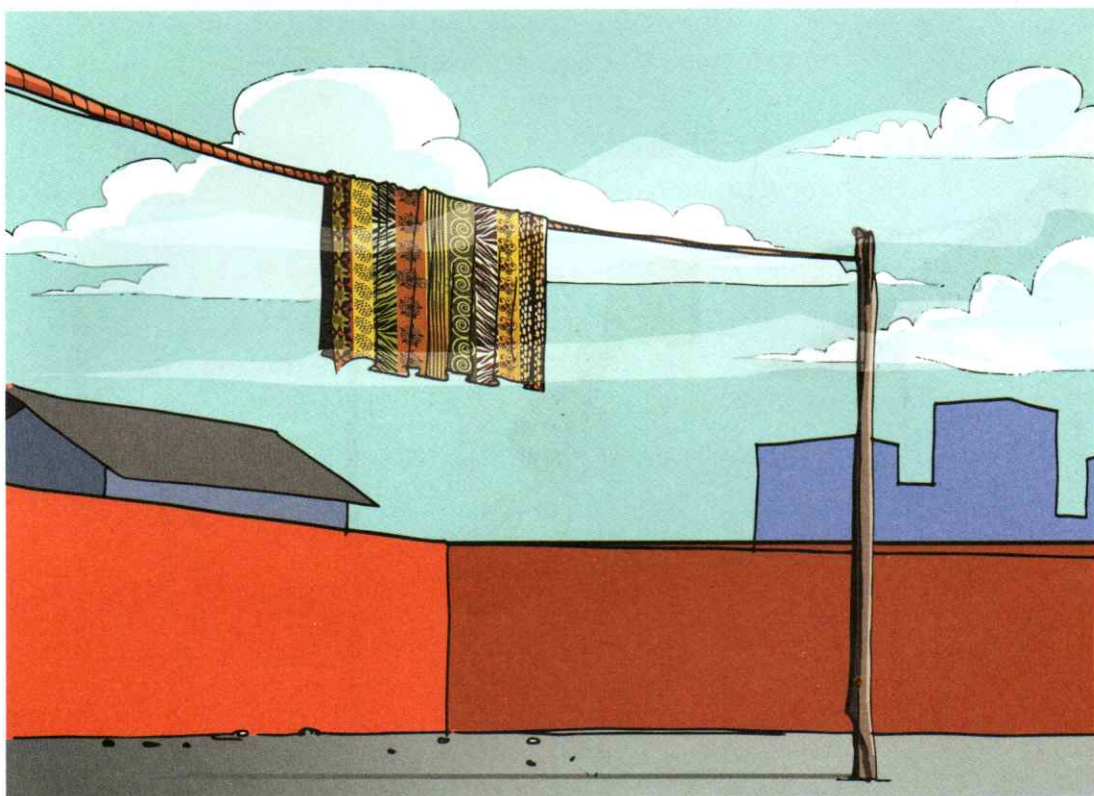
Colecção Sol Nascente
Nº 39

Execução Gráfica
Damer Gráficas S.A.

Tiragem
10.000 Exemplares

Depósito Legal
6508/2014

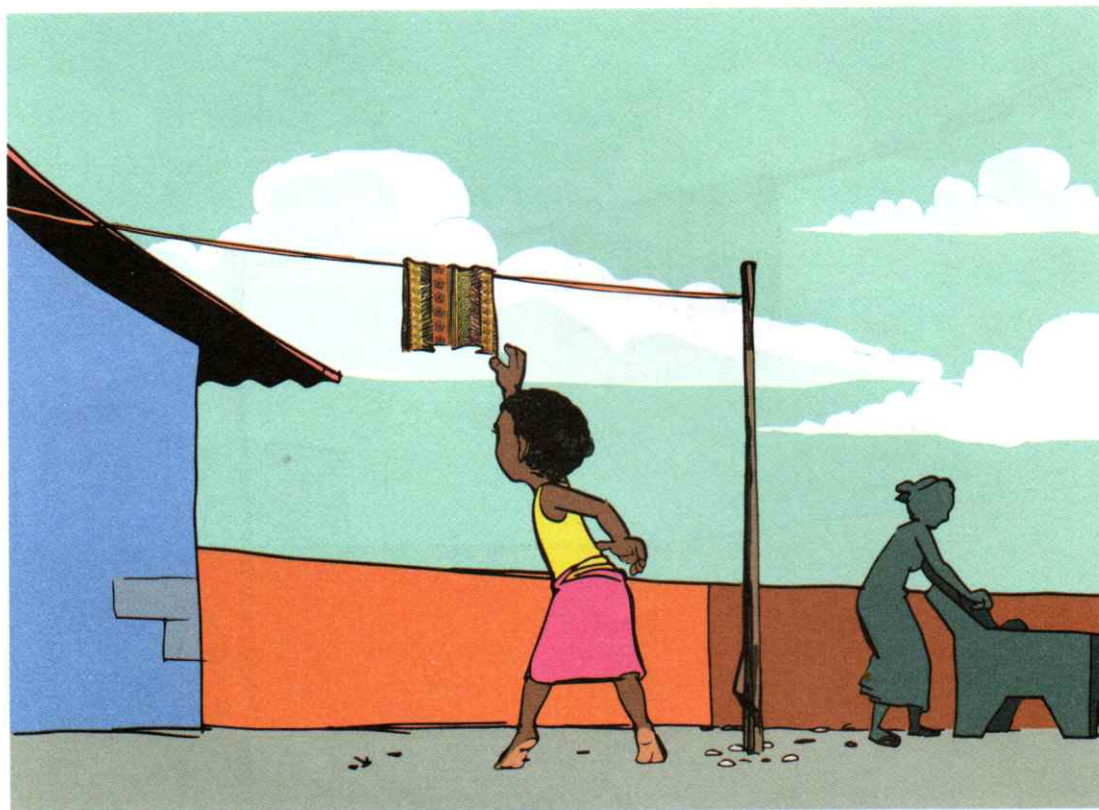
1.ª Edição/Luanda/2014



O tempo fazia-se sentir em cada pedaço do seu corpo. As linhas outrora brilhantes eram agora pequenos pedaços de fio baços e sem utilização.

Velho. Sentia-se velho e inútil.

O vento preocupado passou ao seu lado, convidando-o a bailar com ele como tantas outras vezes havia feito, mas o tecido permaneceu imóvel e muito triste. Desolado afastou-se e pediu ajuda ao sol para aquecer aquele coração desolado e cansado de viver. Também este o tentou animar aquecendo-o, afastando o bolor e o cheiro a antigo que invadia as entranhas do panito.



Não foi suficiente para o levar a mudar de atitude, mas foi o bastante para que Rita reparasse nas suas cores gastas, mas ainda apelativas.

Agarrou nele com as suas mãos rechonchudas, apertou-o contra o peito e correu para o quintal onde a mãe estendia a roupa acabada de lavar e a cheirar a fresco.

A coragem abandonou-a quando a viu e com medo de perder o seu mais recente tesouro amarrotou-o rapidamente colocando-o no bolso do seu vestidito, também ele enrugado pelas brincadeiras do dia.

Dona Josefa sentiu-a a cirandar em silêncio à sua volta. Parou a tarefa rotineira mirando-a pausadamente e com ar desconfiado questionou-a:

- O que andas tu a tramar, Kianda?

- Eu não sou Kianda! - replicou aborrecida, não sem depois remexer no bolso e acrescentar com voz trémula - E não estou a fazer nada!

- Ui! Agora é que o caldo está mesmo entornado. Mostra lá o que descobriste agora, filhota. - disse a mãe divertida enquanto as suas mãos puxavam o pano usado.

- Posso ficar com ele, mamã? - suplicou ela.

- Claro que sim! Porém tens que conhecer a sua história ... - respondeu ela...



Era uma vez uma menina que sonhava com o dia do seu casamento.

Nos seus sonhos via-se a casar com um príncipe angolano e o seu noivo seria um rapaz alto de pele morena brilhante, farta carapinha e um bonito par de olhos escuros que reflectiriam o brilho do amor quando a viam.

Durante anos acalentou essa imagem e no dia do seu 19º aniversário, quando passeava com a mãe no parque, avistou Belchior entre uma multidão que assistia a um jogo de futebol.

Os minutos seguintes aconteceram como nos romances que Kitulo via no grande ecrã quando ia ao cinema. Olhares foram trocados e o jovem casal apaixonou-se.



Esse pano envolveu durante muitos domingos o esbelto corpo de Kitulo transformando-a numa rainha e não havia uma única mulher da cidade que não invejasse a sua beleza.

No fim da tarde domingueira, ao regressar a casa, a mulher mantinha um ritual sagrado. Entre palavras sussurradas em Kimbundu ou Kikongo, o pano era lavado, estendido a secar e, depois de passado a ferro, cuidadosamente dobrado e colocado numa pequena arca de panga-panga situada aos pés da cama do casal.

Kidi, a mãe da Kitulo, tinha-lhe ensinado as tradições do seu povo e ela sabia que aquele pano tinha que ser amaciado no seu corpo antes de poder embrulhar os seus filhos e cuidar da sua família.





Hongolo, o seu filho arco-íris, foi o primeiro a ser aconchegado nessa manta repleta de amor, seguiu-se Kalunga, o seu mar, e terminou com Kianda, a sua sereia candengue.

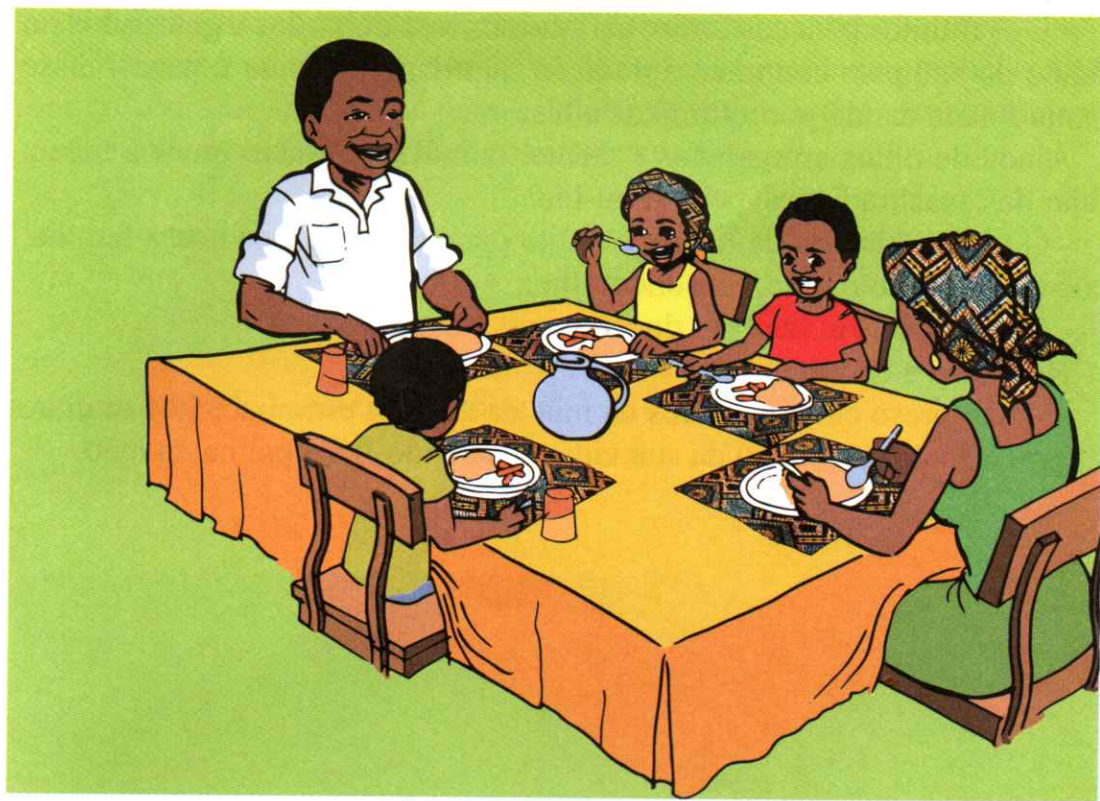
Os três bebês foram transportados às costas de uma mãe orgulhosa ou aconchegados no seu peito enquanto eram alimentados. O pano foi assim o porto de abrigo das crianças, protegendo-as do sol, do vento e do frio ou servindo para que se espalhassem sobre ele todos os brinquedos, quando se transmutava num magnífico parque de diversões.

A sabedoria desta jovem mãe fora aumentando com os anos e ela sabia que apesar do pano-berço-parque começar já a ter algumas partes gastas, ainda muito uso teria na vida dos seus.

Dedicou-se então à costura e cortou-o em diversos retalhos.

Com um deles fez um lenço para Kianda esconder as suas trancinhas com missangas, pois o seu cabelo irreverente gostava de brincar às escondidas com os seus olhitos impedindo-a de ver bem o que a professora escrevia no quadro, e com outro fez duas resistentes fitas de cabelo para os rapazes, que sendo bons jogadores de futebol, sofriam com as grossas gotas de suor que deslizavam pelas suas caritas como se descessem por um escorrega.





Para si fez um vistoso lenço que usou para enfeitar a cabeça na festa de aniversário do marido e guardou uma faixa para enrolar à volta da cintura quando ia ao mercado, mas não pensem que era um cinto! Kitulo fazia pequenos rolinhos com as notas de Kwanzas e colocava-os numa ponta da faixa e depois dava um nó bem forte e seguro com as pontas do tecido ficando assim com um bonito e prático porta-moedas que levava consigo quando ia às compras.

Usou ainda cinco pedaços do tecido para fazer lindos individuais, que colocava sob os pratos de cereais e fruta, enchendo de cor a mesa do matabicho e alegrando a manhã dos habitantes da casa.

- E os últimos pedaços foram carinhosamente dobrados e guardados no fundo do baú para continuar a tradição familiar e respeitar o pano - disse Dona Josefa dando por terminada a história.

Ainda de olhos arregalados e atenta, pois Rita adorava ouvir a mãe a falar das suas tradições, perguntou-lhe:

- Ó mãe, a história da Kitulo é muito parecida com a da nossa família, não é? Piscando o olho, respondeu-lhe:

- Claro! Ainda te lembras do teu lenço, Kianda?

Renasceu e esvoaçou.

O pano preso entre os dedos da mãe da menina estremeceu de orgulho e agradeceu o belo relato da sua vida amaciando-lhe a palma da mão.



Kitulo sorriu, encostou-o à cara carinhosamente e disse-lhe baixinho:

- Ninguém se deve sentir velho nesta vida... especialmente tu meu amigo! Por isso ainda vais para a colcha de retalhos que estou a costurar para o meu neto Kúkia, o meu sol nascente.

Rosalinda de Lima de Carvalho

Glossário:

Alembamento - dote da noiva

Candengue - filho(a) mais novo(a)

Hongolo - arco-íris

Kalunga - mar

Kianda - sereia

Kibabu - afago

Kidi - verdade

Kikongo - língua tradicional angolana

Kimbundu - língua tradicional angolana

Kitulo - flor

Kúkia - sol nascente

Kwanza - moeda angolana

Matabicho - pequeno-almoço

Panga-panga - tipo de madeira africana

Jardim



do Livro Infantil



1 625 Kz

www.clubedolivro.co.ao

Contos



9 789895 014880

Edição Comemorativa do II Festival Nacional de Cultura

GOVERNO DE
ANGOLA
Ministério da Cultura



BANCO
ESPIRITO SANTO
ANGOLA

